Olaria

Marcus Vinicius Ferreira Lins
19/03/2021

1

Caminhando a passos demorados, como de costume, mãos para trás, Rudolpho, acompanhado por seu capataz, vistoriava os ambientes da sua olaria.

Herdara dos pais a pequena fábrica de tijolos quando ainda jovem e solteiro, bem como a gleba onde estava localizada.

Para o adequado andamento dos serviços buscava dialogar com os empregados, visitando-os em cada setor e procurando ficar a par de suas necessidades. Angariava, assim, maior dedicação dos mesmos, garantindo boa mão-de-obra e fidelidade no atendimento à clientela.

Não era um grande fabricante de tijolos, mas seu produto tornara-se apreciado pelos construtores que enfileiravam aguardando o atendimento aos seus pedidos. A excelente qualidade que obtinha no calhamaço devia-se a uma técnica desenvolvida pelos bisavós quanto ao preparo da matéria prima a ser utilizada, que apenas ele e o capataz conheciam e guardavam a sete chaves.

Assim, examinava minuciosamente todos os itens importantes tais como qualidade da argila, queima, secagem, forno, empilhadeira, prateleiras...

- Parece-me estar tudo normal, Antenor. Falou ele para o empregado, enquanto caminhavam pelo interior da olaria.

- Está sim, o barro promete.

- Quando entregaremos essa fornada?

- Em sete dias estará pronta, com certeza!

Era o prazo esperado pelos clientes serem atendidos em seus pedidos. Aproximadamente 50 mil tijolos era sua produção semanal. Não era grande, comparada a de outras fábricas, dotadas de maquinário sofisticado. Mas era assim que conduzia o empreendimento e cobrava um preço justo por seu produto, suficiente para manter as atividades e uma boa reserva financeira.

Após aquela rotina, Rudolpho dirigia-se ao escritório onde examinava pedidos, entregas e movimentação contábil.

Estava na hora de ir para casa, quando bateu-lhe à porta do escritório, o capataz:

- Gostaria de falar um assunto com o senhor, patrão!

- Pois não, Antenor, entre.

- Obrigado! Não seria necessário tomar seu tempo.

- Tudo bem, fale...

- Não é nada grave. É que temos um rapaz insistindo em falar com o senhor!

Antenor procurava obedecer sua condição de subordinado, muito embora fossem amigos desde a infância. Por isso sempre procurava tratar o oleiro como “senhor”, ou “patrão”.

- Falou para ele que não temos vagas?

- Sim! Mas não é isso o que o moço quer.

- O que deseja, então?

- Não entendi muito bem. Quer permissão para utilizar nossas dependências para umas experiências. Já falei para ele que não tinha autoridade para tanto. Mas, como vem insistindo...

Curioso, Rudolpho resolveu conhecer a pessoa e transmitiu isso para o capataz.

- Obrigado, comunicarei para ele.

Partiu o oleiro para casa, que distava a menos de um quilômetro dali.

Sempre, antes de chegar ao imóvel, demorava-se sobre uma ponte de madeira que seu pai havia construído no caminho, e que era utilizada para atravessar um pequeno regato.

Sempre teve o cuidado para não poluir aquele rio de águas cristalinas, ladeado por salgueiros e plátanos. Da colorida ribanceira até a casa, percorria-se um verde gramado que mais parecia um tapete, de tão cuidado que era.

Na maioria das vezes, permanecia algum tempo naquela ponte, observando os multicoloridos peixinhos beliscando insetos que caiam das plantas que brotavam das margens, deleitando-se com o matizado produzido pela natureza.

Parecia dialogar com cada espécie.

Era um solitário aos 38 anos. A mulher com quem casara, vinte anos mais nova, o abandonara fazia cinco anos.

Evitava novas aproximações femininas. Ele mesmo preparava suas refeições e duas vezes por semana a esposa do capataz, uma senhora de 40 anos, fazia a limpeza da casa, lavava suas roupas; enfim, deixava tudo limpo e arrumado para ele.

Assim vivia o oleiro.

A casa, construída pelo pai num genuíno estilo alemão era circundada por árvores nativas; um vasto arvoredo que delongava-se até às margens do rio, compondo, juntamente com o gramado, um ambiente bastante agradável.

Da rodovia que margeava o imóvel podia-se observá-lo e muitas pessoas chegavam a parar seus automóveis no acostamento para fotografá-lo.

Incoerentemente, aquele cenário alegre, abrigava uma pessoa triste, sem grandes motivações senão o trabalho e sua empresa. Sua aspiração de encher aquela casa de filhos com a mulher com quem casara, desabou, passando a viver solitário. Tido como uma pessoa de boa índole, muitos o admiravam, desejavam visita-lo, mas passaram a respeitar seu viver recluso.

Não possuía nenhum parente próximo.

Ao final do dia, em casa, acostumara-se a permanecer junto a uma das janelas, debruçado em uma mesa e envolvido em muitos pensamentos. Enquanto bebericava pequenos copos de *grappa* e fumava cigarros de palha, geralmente o fazia observando aquele trajeto que, diariamente, percorria indo e voltando da fábrica.

Sempre fora monótono e introspectivo.

Talvez sua mesmice houvesse distanciado dele a mulher, uma fogosa jovem escolhida para ser sua esposa pelos respectivos familiares.

Era uma bonita polonesa. Chamava-se Ophélia e tinha 18 anos quando casaram. Fora sua primeira experiência com uma mulher, em todos os sentidos.

Talvez por não haver sido ele o homem dos sonhos a satisfazer-lhe os anseios femininos, ela encontrou isso em um jovem que estagiava na olaria.

Era ele um rapaz bem apessoado por quem Ophélia sentiu-se atraída logo que o conheceu. Apaixonou-se, e não demorou para trocar por ele o marido.

Absorto em pensamentos, procurava distanciar dela a memória: - Afinal, qual o sentido da vida? Do casamento?

Apreciava boas pingas. Geralmente bebia um pouco, antes das refeições e sempre o fazia sob aquela janela. Passava algum tempo ali e, depois, partia para preparar suas refeições.

Não havia estudado além do científico. Entretanto, adquirira o hábito pela leitura, para onde direcionava seu tempo ocioso. Passou a ser exigente quanto a isso, procurando adquirir livros de bons autores, os quais folheava rapidamente antes de adquiri-los.

Sempre que ia à cidade para tratar assuntos bancários, aproveitava para ir a uma livraria.

Lendo a sinopse de *Judas, o obscuro*, que casualmente fora colocado na prateleira de ofertas, achou-o interessante.

Era o que estava lendo.

Após o ritual de preparar um cigarro de fumo-em-corda, enquanto fumegava e descansava, lia algumas páginas antes de retornar às atividades. À noite, continuava suas leituras.

Funcionava a fábrica até ao meio-dia dos sábados. Os expedientes diários eram feitos das oito da manhã às seis da tarde, com uma hora de descanso para almoço e alguns minutos de relaxamento para lanches.

Foi em um sábado, antes do anoitecer que apareceu em sua casa o capataz, juntamente com a esposa, trazendo uma jovem. Ao vê-los achegando-se, e surpreso com aquela visita, pois todos os assuntos com Antenor eram tratados na fábrica, abriu rapidamente a porta e foi até ao terraço para recebê-los.

- Que aconteceu, Antenor? Perguntou ao ver estar uma moça junto com o casal.

- Boa tarde patrão, cumprimentou o empregado, um pouco apreensivo e olhando para a esposa como pedindo cumplicidade para o assunto a tratar.

- Boa tarde!

Que aconteceu? Quem é essa moça?

- O nome dela é Hedja, seu Rudolpho. Adiantou a esposa do capataz.

Cabisbaixa, Hedja mal olhava para o homem. Ele era tido na região como empregador e por ajudar muita gente, não apenas aos seus funcionários.

- Qual o motivo de estarem aqui com ela?

Nisso, a mulher adiantou-se para explicar ser filha de um amigo cuja esposa era falecida e o pai acabara de ser assassinado por uma gangue de traficantes.

- Sim, entendo... mas, como posso ajudar?

- Explique para ele, Antenor. Anuiu a mulher do capataz.

- Senhor, ela precisa de um lugar para morar e está procurando emprego. Até poderíamos acolhê-la em nossa casa. Mas, como bem sabe, temos quatro filhos, seria impossível mantê-la conosco.

- Na olaria, não haveria lugar para ela?

- Pensamos nisso sim, mas, também, que poderia trabalhar para o senhor, em sua casa.

- Como assim, trabalhar em minha casa?

A real intenção do casal era levar para o patrão alguém que pudesse substituir a mulher nos serviços, desobrigando-a dessa responsabilidade além de proporcionar-lhe um melhor atendimento diário quanto à alimentação e serviços caseiros.

Hedja, quieta, apenas escutava a conversa.

- Acho que as coisas vão bem assim como estão. Não haveria necessidade de ter alguém trabalhando aqui.

Falou, fitando o casal nos olhos.

- Mas patrão, seria bom para o senhor ter alguém na casa.

- Você está é cansada de trabalhar aqui não, Amélia? Perguntou para a esposa de Antenor.

- Não vou negar seu Rudolpho, estou ficando mesmo velha para tanto serviço.

- Ah! Entendo!

Nesse momento Hedja, notando o constrangimento do casal em procurar ajudá-la, e a hesitação do homem, aquiesceu:

- Me desculpem por ser motivo desse vexame todo. Acontece que ainda não completei 18 anos, o que está me dificultando encontrar emprego...

- Na olaria, até procurei uma maneira de encaixá-la, mas está difícil. Para os serviços que poderia executar, já temos gente suficiente. Informou o capataz.

- Não se preocupem comigo, me virarei como posso. Acrescentou a moça.

- Bem, vou pensar numa maneira de resolver essa questão.

- Estamos certos que fará isso, senhor. Agradecemos pela atenção. Manteremos a menina conosco até uma orientação sua.

Ao se despedirem, Hedja voltou-se, fixou Rudolpho nos olhos e falou para ele:

- Creio que poderia ser uma boa empregada para o senhor, seu Rudolpho.

2

Durante todo o domingo Rudolpho dedicou-se à leitura de *Judas, O Obscuro.* Identificou-se com o personagem. Cursar uma faculdade, também fora desejo seu, mas, as atividades na olaria o impediram.

Também não se distanciava muito dele, pelo menos no imaginário, os envolvimentos amorosos de Judas.

Pensando na possibilidade de atender ao pedido do capataz, considerou os prós e contra em ter uma pessoa trabalhando em sua casa, ainda mais sendo jovem e inexperiente como deveria ser aquela moça.

De qualquer maneira, resolveu atender o casal, tido como amigo e confidente: experimentar uma pessoa trabalhando em sua casa. Certamente quebraria sua monótona rotina. Começou a pensar sobre o assunto e despertou-lhe a curiosidade ter os préstimos da moça.

Mesmo sendo jovem, com idade para ser sua filha, ficou ansioso para ter essa nova experiência. Pelo menos tentar.

Telefonou, então, para o capataz avisando-o que poderia levá-la para uma experiência. Poderia fazê-lo no dia seguinte e que iria estudar uma maneira para acomodá-la.

- Não poderia ser hoje, patrão? Está muito apertado aqui em casa.

Antenor possuía quatro filhos e um deles, o mais velho, já era um rapaz de 17 anos. Tinha, ainda, três filhas mais novas.

- Tudo bem, se acham melhor assim.

Logo apareceu o casal com Hedja, que trazia apenas uma mochila como bagagem.

A casa era grande. A suíte que ele usava ficava no andar superior e havia mais dois quartos no térreo, um banheiro completo e um lavabo.

- Boa noite seu Rudolpho! Cumprimentaram.
- Pois é... como é mesmo o seu nome, moça?
- Hedja, senhor!
- Vou experimentá-la por alguns dias. Não é certo que a contratarei... vamos ver!
- Tudo bem senhor...
- Então, Amélia, prepare um quarto para ela.
- É prá já seu Rudolpho, pode deixar comigo.
- E a oriente quanto aos serviços.

Escolhendo o quarto que tinha janela para o rio, ficou Hedja acomodada e orientada para que procurasse não perturbar o patrão, principalmente quando estivesse lendo. Para qualquer dúvida poderia telefonar para ela.

- Pode deixar, dona Amélia. Procurarei fazer tudo como a senhora orientar.
- Assim esperamos, menina. O patrão é boa pessoa mas muito exigente. Procure ser legal com ele.
- Pode deixar... Farei o melhor que puder.
- Muito bem, tudo vai depender de você.

Convidou o casal para conversarem, e o conduziu até à sala, juntamente com Hedja, que, já assumindo uma postura serviçal, manteve-se de pé, apenas escutando a conversa.

- Posso ficar aqui, dona Amélia?

A mulher olhou para o patrão esperando dele a resposta:

- Sim, Hedja, sente-se também.

- Obrigada!

- Bem Antenor... Amélia, vamos experimentar a moça por alguns dias, para vermos como ela se adapta.

- Com certeza ela vai se esforçar senhor Rudolpho. Comentou a mulher.

- Gostou da casa minha jovem... do quarto?

- Sim, senhor, a casa é muito bonita.

- E do quarto?

- Bastante!

- Mas ela é grande, não?

- Sim, a casa é mesmo grande.

- Acha que dará conta dos serviços?

- Procurarei fazer o melhor que puder, senhor.

- Ah! Muito bom.

Não sou muito exigente quanto à minha alimentação. Amélia deve ter falado que eu mesmo tenho preparado minhas refeições...

- Sim, falou.

- Ela cozinha bem, seu Rudolpho. Acrescentou Amélia.

- Que bom, espero que o faça melhor que eu.

E ouviu-se alguns risinhos abafados, do casal.

Rudolpho demorou-se em despedir o casal. Estava ansioso pela experiência de ter, pela primeira vez, uma pessoa morando com ele, principalmente tratando-se de uma mulher, e ainda por cima jovem, que poderia ser sua filha. Certamente olhariam para a situação como mais um ato humanitário seu. Quanto a isso, nada teria a temer. Procuraria tratá-la como o fazia para com todos os empregados.

- Então ficamos assim... E levantou-se, indicando para o casal que poderia retirar-se.

- Boa noite, senhor!

Despediram-se, ficando Hedja a sós com o oleiro, já se dispondo para qualquer pedido.

- Deseja que faça alguma coisa, senhor?

- Por enquanto não. Ficarei em meu escritório. Precisando de algo, vá pedir-me.

- Obrigada! Vou arrumar minhas coisas, então.

Vendo que ela ficou olhando para a televisão existente na sala, falou que poderia ligá-la quando estivesse sem serviços, se assim o desejasse.

- Obrigada, senhor.

- Ah! Vou preparar algo para comer. Você poderia acompanhar-me. Falou Rudolpho.

- Sim. Não gostaria que eu fizesse isso?

- Por enquanto, não. A partir de amanhã ficará a seu cargo.

- Ah! Tudo bem.

E dirigiram-se para a cozinha contendo uma despensa com diversos produtos. Obedecia a mesma um bom projeto, executada pela ex-esposa, quando ainda vivia com ele. Uma enorme geladeira, também acondicionava o necessário para os dias da semana.

Geralmente era Amélia quem fazia toda a manutenção, deixando sempre estocados os ingredientes que necessitava para preparar suas refeições.

Na cozinha, tomando de alguns utensílios, Rudolpho preparou um omelete repleto de verduras, e arroz branco para acompanhamento. Tudo sendo observado atentamente pela jovem.

- Que está achando, Hedja?

- Hum! Parece estar bem gostoso.

- Bem, antes vou tomar uma cachacinha para abrir o apetite. Não ofereço para você, é muito nova para beber.

- Tudo bem, senhor. Não gosto mesmo de bebida alcóolica.

- Sente-se à mesa comigo, por favor.

- Obrigada!

Para acompanhar a refeição abriu uma *Coca-Cola* para ela e encheu uma taça de vinho para ele.

- Como é seu nome completo Hejda?

- Hejda Skorupsky...

- Origem polonesa?

- Sim, minha mãe era descendente de poloneses.

- Quando você completará 18 anos?

- No próximo mês, senhor.

- E quanto aos estudos?...

- Estava cursando o ensino médio, mas estava muito difícil para meu pai custea-lo...

- Pretendia ingressar em uma faculdade, então?

- Sim, claro...

- Que curso pretendia?

- Artes plásticas...

- Por que esse curso?

- Gosto de fotografia, desenhar... essas coisas.

- Ah! Muito bom.

Ela gostaria de fazer algumas perguntas para ele, mas achou que seria inconveniente; aguardaria os momentos certos para isso.

Terminada a refeição, a moça pediu licença para recolher a louça e lavá-las, atitude que agradou ao oleiro.

- Tudo bem Hejda, pode começar seu serviço por ai.

- Pode ficar tranquilo, senhor.

- Estarei lá em cima, no escritório. Qualquer coisa é só pedir-me. E tenha uma boa noite.

- Obrigada, senhor! Boa noite!

E retirou-se deixando-a já executando seus serviços.

Hedja era uma bela moça: alta, magra, olhos verdes e longos cabelos ruivos.

Rudolpho, absorto em sua leitura, esqueceu completamente dela. Afinal, seu único interesse era, realmente, tê-la para os serviços domésticos.

Somente ao deitar, lembrou haver uma pessoa morando junto, e lembrou da figura dela... de sua pretensão em cursar uma faculdade e não poder.

Imaginou-a, ainda, como sendo uma filha. Como agiria se assim o fosse?

3

Ao acordar no outro dia, ainda cedo, Rudolpho deparou com Hedja em plena atividade.

Havia posto algumas frutas sobre a mesa, café, leite, pão e alguns ovos cozidos.

Ela se encontrava junto à pia, lavando alguns talheres. Trajava short e uma blusinha, denotando toda sua jovialidade.

- Bom dia, Hedja!

- Bom dia, senhor Rudolpho!

- Vejo que acordou cedo.

- Sim, procurei acordar cedo. Preparei alguma coisa para seu café-da-manhã. Não sei se estará do seu agrado.

- Pelo que vejo, deve estar bom! Falou ele, olhando para a mesa.

- Se desejar mais alguma coisa...

- Não há necessidade. O que pôs na mesa é mais que suficiente.

- Posso dar uma caminhada ai fora, enquanto o senhor toma seu café?

- Sim. Fique à vontade.

A garota circundou a casa, observou todo o pátio e logo retornou, indo até a cozinha para ver se ele havia gostado do que lhe havia preparado. Mas, permaneceu calada, aguardando alguma manifestação por parte dele.

- Então, que achou do lugar? Ele gostaria de convidá-la para sentar-se à mesa, tomar um café junto com ele, mas não achou conveniente.

- Tudo bem harmônico, condizendo com a casa. Respondeu ela.

- Tenho um jardineiro que, semanalmente corta a grama e aduba o terreno para mantê-la sempre verde.

- Dá para perceber estar sendo cuidada.

Rudolpho começou a notar que a garota procurava falar um português correto.

- Daqui a pouco irei para a olaria. Amélia já deve haver orientando quanto aos serviços.

- Sim, estou ciente de tudo o que devo fazer.

- Notei seu interesse em observar o terreno, tem algum comentário?

- Não. É que sou curiosa, principalmente quanto a esta propriedade.

- Por quê?

- Pelo ambiente tão aconchegante e de morar alguém como o senhor, bastante comentado pelas pessoas.

- Comentam sobre mim?

- Sim. Meu pai era amigo de seu Antenor e falavam muito sobre o senhor.

- Que tipo de comentários?

- De ser um bom patrão... gostar de ajudar as pessoas...

- Ah! Comentam isso?

- Sim!

Ela não quis falar sobre o acharem um solitário e que vinha sofrendo desde que a ex-esposa o abandonara. Sua curiosidade ao percorrer o pátio foi mais para apreciar a casa, tão bem construída e que poderia haver sido cenário para uma bela história de amor.

- Bem, Hedja, tenho que ir. Lá pelas onze horas estarei de volta.

- Tudo bem senhor, tenha um bom dia.

- Obrigado. Espero que se dê bem com os serviços. Quanto ao seu salário vou estudar isso com Antenor e logo a informarei.

Para ela, casa e comida e um pouco de dinheiro para as pequenas necessidades já estaria bom.

- Tudo bem senhor...

Chegando à fábrica, enquanto fazia a costumeira vistoria, Antenor perguntou-lhe:

- E a moça patrão, que achou dela?

- Bem, de início gostei. Vamos ver se vai adaptar-se...

- Certamente que vai... Ela me parece ser bastante esforçada.

- Espero que sim... espero que sim. Passe no meu escritório depois, para vermos que salário poderemos propor para ela.

- Tudo bem. Até já conversei sobre isso com Amélia.

- Passe lá, então.

- E quanto àquele rapaz que queria falar comigo, não apareceu mais?

- Não!

- Tudo bem, se aparecer leve-o ao meu escritório.

- Certo, senhor, farei isso.

* * *

Analisando os pedidos, haveria para o atendimento dos mesmos a necessidade de aumentar o número de empregados e, também, adquirir mais uma empilhadeira.

Não havia, de sua parte, pretensão nenhuma quanto a isso. Vinha trabalhando naquele ritmo, mantinha a produção com boa qualidade mas, era grande a insistência por parte de construtores que desejavam adquirir seu produto.

Apesar de levar vida monótona, tinha tudo o que necessitava para continuar bem: sem dívidas, bom saldo bancário, empregados com seus pagamentos em dia. Não pretendia que um aumento na atividade da olaria absorvesse mais do seu tempo, não encontrando espaço para outras coisas.

Ainda absorto nesse assunto, apareceu o capataz no escritório:

- Podemos conversar agora, patrão?

- Sim, entre. Sente-se.

- Alguma novidade? Perguntou Antenor observando o amontoado de pedidos que ainda se encontrava em suas mãos.

- Pois é Antenor, muita gente desejando nossos tijolos.

- Sinal que a coisa anda bem não, patrão?

- Sim, mas gostaria muito de atender a todos. Por outro lado, não quero arcar com muitos compromissos...

- É! Teria que aumentar a fábrica...

- Bem, por enquanto não quero pensar nisso.

- Vim aqui, como pediu, para discutirmos sobre o salário da moça.

- Ah! Certo...

- O que deseja de mim quanto a isso?

- É que nunca tive uma empregada, como sabe. E gostaria de saber que salário pagar para ela.

- Não acha melhor, testá-la por um tempo?

- Ah! Sim. Mas, em caso de pretender contratá-la?